

AS DUAS POSIÇÕES, OU POLLOCK E VEDOVA

Continuam pelo mundo as exposições e prêmios internacionais, principalmente para jovens artistas ou pintores. Agora mesmo nos vem a notícia do Prêmio Lissone, na Itália. Já uma vez o Brasil participou dessa mostra e por um triz Milton Dacosta não levantou o grande prêmio, pois o júri, inteiramente de estrangeiros, com predominância, é claro, de italianos, hesitou entre ele e Birolli.

Agora, ganhou o grande prêmio Emílio Vedova, atualmente com uma grande exposição na Bienal de São Paulo. Ele é o artista novo italiano que não interrompeu a linha de continuidade desde o futurismo até a linguagem abstrata, mas tempestuosa, atual. Há muito tempo que o considero um dos nomes mais representativos da atualidade pictórica italiana. Ainda a 11 de fevereiro de 1958, em artigo intitulado "O Signo no Ocidente", em seguida a outro, de janeiro do mesmo ano que aqui mesmo republicamos, na semana passada, sob o título "Arte Signográfica"**, escrevíamos: "Modernamente, apesar do *intermezzo* decadente do tachismo, a corrente mais significativa da pintura de nossos dias é de inspiração gráfica predominante". E citávamos Hartung, "que nos deu alguns signos magníficos pela profundidade da evocação e por sua força expressiva", mas, hoje, acrescentava, "parecendo num impasse, a debater-se entre a pureza ancestral do signo e a necessidade por assim dizer cultural ou social de superá-lo". Citávamos ainda Soulages, porque "provinha de Hartung" e porque "baseia sua pintura pelo menos num ri-

* *Jornal do Brasil*, 11.11.1959.

** Vol. II, pp. 311-314.

tual com algo de processo criador do signo". Contudo, reconhecíamos, em virtude "de sua extrema preocupação com problemas de ordem plástica e de técnica pictórica propriamente dita" etc., não ser ele um verdadeiro gráfico e muito menos tachista, pois "não se entrega, largado, ao primeiro movimento do braço ou ao gesto físico, solto. Ele corrige o impulso inicial, o ritmo do próprio braço... já que não admite nenhum trabalho criador resultante de mero produto do acaso..."

E por fim citava Vedova, cuja pintura, dizia eu então, "é tão signográfica que quase elimina a cor". A validade desta pintura está na sua *significação*. No seu poder de prenunciar, sobretudo se a colocamos na curva que, partindo do futurismo italiano, no seu dinamismo ainda figurativo e anedótico, no seu otimismo progressista ingênuo, passando pelo raionismo russo, com Larionov e Gontcharova (de quem F. G.* nos deu no *Suplemento* deste jornal de sábado passado excelente reprodução), e que, num passo adiante ao futurismo, abandona a anedota pueril e atinge um essencialismo dinâmico abstrato, chega ao signo espacial dinâmico de hoje, impregnado de uma visão trágica do mundo.

Do otimismo provinciano e "modernista" dos futuristas italianos ao dinamismo espacial revolucionário, e não-representativo dos russos, o passo é grande. Mas uma geração depois, o que aparece de mais analógico àqueles movimentos é o gesto não mais social, mas desassociado de desespero individualista de Pollock ou o gesto decantatório de Vedova. Pollock emaranha-se sem saída no próprio gesto, como um soldado da guerra nos arames farpados das trincheiras, enquanto Vedova, ainda adstrito a certo senso monumental tipicamente italiano, consegue por isso mesmo desprender-se da situação para transfigurá-la num quadro de destruição universal. O artista americano, sem perspectiva, não consegue fazer distância entre o seu ego e a realidade, entre o mundo e sua visão e sua obra: daí emaranhar-se nela, *transformado sem o querer em ator*. Conseqüentemente, coerentemente, acaba destruído na própria trama, na própria engrenagem. O pintor italiano, porém, consegue conservar a distância entre sua arte e o mundo, e jamais é ator, para ser apenas testemunha, testemunha aguda, consciente, patética.

Entre essas duas posições se situam os artistas ocidentais que se entregam, conscientemente, aos extremos experimentais de nossos dias. É que são todos expressão dessa "consciência dilacerada", de que nos fala Hegel, e que tão bem marca os espíritos em nossa época. Fora delas, qualquer outra atitude é inautêntica, publicitária, hedonista, e se é jogo é jogo mesmo, ou uma pura aventura sem compromisso.

* Ferreira Gullar.